

**O ESPÓLIO DO EDITOR:
A “Avaliação de Bens” do Inventário de Francisco de Paula Brito**

RODRIGO CAMARGO DE GODOI*

Resumo

Um traço constante nos estudos dedicados ao editor, tipógrafo e livreiro Francisco de Paula Brito é a menção a notória pobreza enfrentada por este personagem no decorrer de sua vida, sobretudo nos últimos tempos dela. Desde a biografia pioneira publicada por Manuel Duarte Moreira de Azevedo nas colunas do *Correio Mercantil*, poucos mais de dois meses após a morte do editor, podemos ler sentenças tais como: “E Paula Brito, que tanto fez pelas letras, que era dotado de tanto talento, ele, o Mecenas da mocidade, nada conseguiu para si, viveu e morreu pobre”. A análise do inventário *post mortem* de Francisco de Paula Brito, de certo modo acaba por corroborar com esta tradição biográfica iniciada pelo médico, literato e historiador. Assim sendo, nesta comunicação, analisaremos alguns aspectos deste importante documento, principalmente as “Avaliações de bens” presentes nos autos.

As vicissitudes de Rufina

Conforme o assento lavrado no *Livro de casamentos de livres da Freguesia do Santíssimo Sacramento*, no Rio de Janeiro, Francisco de Paula Brito casou-se com Rufina Rodrigues da Costa no dia 1º de maio de 1833, na Freguesia de São José de Itaboraí. O assento afirmava também que Francisco era “filho legítimo” de Jacinto Antunes Duarte e Maria Joaquina da Conceição, e que Rufina era “filha natural reconhecida” de Antonio Rodrigues da Costa e Mariana Antonia Pereira. O enlace foi celebrado pelo Vigário Francisco Xavier de Pinna e testemunhado por Francisco Antonio de Mendonça e Mariano José de Oliveira¹.

* Doutorando em História Social da Cultura na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

¹ Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro-ACMRJ. *Livro de casamentos de livres da Freguesia do Santíssimo Sacramento*, AP 0134. Francisco de Paula Brito. Casado com Rufina Rodrigues da Costa, p. 145v. Sou grato a Eduardo Cavalcante por esta fonte.

Francisco e Rufina viveram juntos por quase três décadas, tiveram duas filhas, Rufina, homônima da mãe, e Alexandrina, e podemos afirmar que, graças aos empreendimentos tipográficos e a loja de livros de Francisco, viveram dignamente e até mesmo conquistaram certo conforto. Em 1831, dois anos antes de se casar, Francisco, que havia aprendido o ofício tipográfico na Tipografia Nacional e nas oficinas de Orgier e Seignot-Plancher, comprou de seu primo Silvino José de Almeida uma livraria e encadernadora localizada no nº 21 da Praça da Constituição, transformando-a na “Tipografia Fluminense”. Pouco depois o negócio se expandia. Em 1837, a tipografia e livraria já ocupavam os números 64 e 66 da mesma Praça da Constituição, e Francisco já possuía mais duas tipografias, uma Rua dos Ourives, n. 21, e outra em Niterói, no Largo de São João (AZEVEDO, 1862). Podemos inferir, portanto, que aos poucos o Francisco de Rufina ia se tornando o respeitado Francisco de Paula Brito, tipógrafo, editor e livreiro em cuja loja se reuniam, além de jovens aspirantes às letras, notoriedades políticas e literárias do Império.

No início da década de 1850, Francisco arriscaria seu maior empreendimento gráfico, com proporções possivelmente até então inéditas no Rio de Janeiro neste ramo. Tratava-se da “Empresa Tipográfica Dous de Dezembro” que, com ações abertas ao mercado, contava até mesmo o Imperador entre seus acionistas (HALLEWELL, 2005: 158). Porém, o negócio foi à falência em 1857, causando danos irreversíveis, como veremos, às finanças da família Paula Brito. Certamente o editor tentava se recuperar deste sério revés quando faleceu, a 15 de dezembro de 1861. E Rufina, se aceitarmos a verossimilhança do relato de Moreira de Azevedo, bem possivelmente uma testemunha ocular dos fatos, Rufina sofreu muito com a morte do marido:

Era [Paula Brito] um marido extremoso e um pai cheio de carinhos.

No dia do seu enterro, estava ainda o cadáver sobre a eça na sala mortuária, quando viu-se uma mulher por entre os convidados, procurando afastá-los para achar caminho até ao cadáver do seu esposo.

Era intenso o seu pranto e grande o seu pesar. Despedaçava o coração ver a dor dessa esposa infeliz que desejava dizer o último adeus ao cadáver de seu marido...

Perdoem se recordo cenas íntimas, tão tristes. O biógrafo deve ser verdadeiro, e a dor e o pranto dessa esposa nos dizem que Paula Brito soube ser bom pai de família (AZEVEDO, 1862).

Nos meses seguintes o luto da viúva foi custeado por um empréstimo de 295 mil réis, realizado junto a Leopoldo d’Azeredo Coutinho, um dos genros do casal², visto que os negócios definitivamente não iam bem. Para termos uma ideia do montante da dívida herdada por Rufina, somente em aluguéis da Livraria e da Tipografia, ordenados de caixeiros e entregadores de jornais, salário de operários, consumo de gás, compra de papel selado, medicamentos e despesas com o enterro do finado editor, os valores chegavam a exatos 4:826\$630. Já as dívidas relativas à concordata da “Empresa Tipográfica Dous de Dezembro” ultrapassavam os 10 contos, chegando a 13:675\$000 (INVENTÁRIO, fls. 11). Entre os credores do finado Paula Brito “por contas e letras” encontravam-se figuras de destaque na Corte, como o político liberal Teófilo Ottoni, o Visconde do Rio do Branco e até mesmo o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz D. Tereza Cristina (INVENTÁRIO, fls. 14-16).

Coube a Rufina, portanto, a difícil tarefa de administrar além dos bens, as dívidas do casal. Passado o período de luto, temos que, a 5 de junho de 1862, a viúva apresentou-se diante do Juiz Municipal da 1ª Vara Cível do Rio de Janeiro, que “lhe deferiu o juramento dos Santos Evangelhos, debaixo do que lhe encarregou [...] com boa e sã consciência servisse a inventariar todos os bens do finado Francisco de Paula Brito”, ou seja, Rufina se tornou inventariante dos bens de seu finado marido em um longo processo que perduraria de meados 1862 a fins de 1866.

Nesta comunicação, analisaremos precisamente os autos desse inventário. Neste momento, porém, não seria possível ocuparmo-nos de maneira detida com todos os aspectos deste documento rico em informações sobre o editor e seus negócios. Por isso nos delimitaremos apenas às “Avaliações dos bens de Francisco de Paula Brito”. Conforme consta nos autos, na semana seguinte ao juramento como inventariante, Rufina enviou um ofício ao Juiz Municipal da 1ª Vara Cível do Rio de Janeiro solicitando a avaliação da Tipografia, localizada na Praça da Constituição, n. 68, da Loja de livros, localizada na mesma praça, n. 64, bem como dos “móveis de serviço doméstico” que se encontravam depositados à Rua da Carioca, n. 32, possivelmente o

² *Inventário. Francisco de Paula Brito, falecido. Rufina Rodrigues da Costa Brito, Inventariante.* ANRJ, Juízo Municipal da 1ª Vara do Rio de Janeiro, 1862, n. 6210, maço 448, fls. 13v. Doravante citaremos o *Inventário* diretamente no texto, precedido apenas do número da folha na qual se encontra a citação, por exemplo: (INVENTÁRIO, fls. 13v).

endereço residencial do casal. No mesmo ofício, Rufina sugeria os nomes de Antonio de Pádua da Silva, B. L. Garnier, João Paulo Ferreira Dias, Francisco Luiz Pinto e Francisco Pinto de Faria como avaliadores dos bens em questão (INVENTÁRIO, fls. 8).

A sugestão da viúva foi bem acolhida, na medida em que pouco depois, a 26 de junho, os nomes apresentados por Rufina compareceram diante do Juiz e juravam “com boa consciência” avaliarem os bens do finado editor (INVENTÁRIO, fls. 10). Eficientes, temos que no dia seguinte as listas de avaliações já estavam concluídas e assinadas. E é delas que nos ocuparemos a partir de agora.

1. Os “trastes de uso doméstico”, “a armação e demais móveis de escritório”

Dizia acima que por certo Rufina e Francisco viveram dignamente, conquistando certo conforto durante os vinte e oito anos que permaneceram casados. Esta afirmação encontra lastro na análise da avaliação dos “trastes de uso doméstico” arrolados no inventário. A listagem e exame desses itens foram feitas por Antonio de Pádua da Silva e a Francisco Pinto de Faria. Na ocasião, Pinto de Faria, morador na Rua da Alfandega, era vice-presidente da “Sociedade Brasileira de Beneficência”, entidade que, conforme o *Almanak Laemmert* (1862: 427), tinha por finalidade o auxílio “a seus sócios em todas as suas necessidades, inclusive seu enterro, e dando a suas famílias uma pensão que atualmente é de 12\$000 mensais”. Antonio de Pádua da Silva, por sua vez, era listado no mesmo *Almanak* (1862: 619) entre os carpinteiros e mestres de obra do Rio de Janeiro. E, por intermédio desses personagens, podemos observar que, se Paula Brito não foi “rico em bens de fortuna”, como escreveu José Veríssimo (1969: 148), ao menos viveu em uma casa aparentemente bem arranjada:

*Tabela 1 – Trastes de uso doméstico deixados pelo finado Francisco de Paula Brito**

<i>Descrição</i>	<i>Valor</i>
1 mobília de sala, sendo: 12 cadeiras de jacarandá, 2 de braços, sofá, mesa redonda e consolo com pedras, já usados: cento e vinte mil réis.	120\$000
12 cadeiras ordinárias: doze mil réis	12\$000
1 mesa para jantar: oito mil réis	8\$000
1 Relógio americano: oito mil réis	8\$000
1 Guarda-louça: vinte mil réis	20\$000
2 sofás ordinários: dezesseis mil réis	16\$000
3 mesas pequenas (usadas): seis mil réis	6\$000
Louça de mesa e almoço de uso ordinário da casa: quarenta mil réis	40\$000
Vidros de serviço ordinário da casa: vinte mil réis	20\$000
2 Mangas de vidro: três mil réis	3\$000
4 castiçais de bronze com mangas: doze mil réis	12\$000
1 Candelabro: 6 mil réis	6\$000
2 jarras finas: quatro mil réis	4\$000
Trem de cozinha incompleto de ferro: seis mil réis	6\$000
1 Bandeja de folha: três mil réis	3\$000
1 Bacia de arame: seis mil réis	6\$000
1 Mesa de cozinha: dois mil réis	2\$000
1 Lavatório ordinário: dois mil réis	2\$000
1 Talha velha mil réis	1\$000
3 Camas de vento: quatro mil réis	4\$000
2 Marquesas ordinárias: seis mil réis	6\$000
1 Guarda-roupa: oito mil réis	8\$000
2 Bandejas ordinárias: um mil réis	1\$000
12 colheres de prata inglesa para chá: quatro mil réis	2\$000
12 talheres ordinários: dois mil réis	2\$000
12 colheres de prata inglesa para mesa: quatro réis	4\$000
1 Paliteiro galvanizado: um mil réis	1\$000

*Fonte: INVENTÁRIO, fls. 29-29v.

Entre os itens melhor aliados estava a mobília de sala do casal descrita em detalhes, assim como a “louça de mesa e almoço de uso ordinário”, seguido pelo guarda-louça e “vidros de serviço ordinário da casa”. No entanto, se somarmos estes itens aos demais, como os talheres de prata inglesa, o relógio americano, as mesas, bandejas, etc., Rufina dispunha em dinheiro de exatos 323\$000, valor nada expressivo diante das dívidas do casal.

Mas deixando a Rua da Carioca, n. 32, e adentrando a Loja de livros, na Praça da Constituição, observamos os seguintes objetos e seus respectivos valores, avaliados pelos mesmos Antonio de Pádua da Silva e Francisco Pinto de Faria:

*Tabela 2 – Avaliação da “armação e mais móveis do escritório” e loja**

<i>Descrição</i>	<i>Valor</i>
Armação de pinho velha: cinquenta mil réis	50\$000
2 Carteiras de madeira muito velhas de dezesseis mil réis	16\$000
1 Mesa comprida: oito mil réis	8\$000
6 Bancos: 12 mil réis	12\$000
1 Dito de escritório: dous mil e quinhentos réis	2\$500

*Fonte: INVENTÁRIO, fls. 29v.

Autores como Moreira de Azevedo (1862) afirmam que Paula Brito se estabeleceu no número 64 da Praça da Constituição em fins da década de 1830, mais precisamente a partir de 1837. Deste modo, considerando que, no momento da avaliação, já se passavam perto de vinte e cinco anos da inauguração da loja, é fácil deduzir o motivo pelo qual a armação de pinho, bem como duas cadeiras de madeira foram descritas como velhas. Suponho também que por armação pode-se entender as estantes nas quais se dispunham os livros então à venda. Livros listados e avaliados adiante. Todavia, mesmo velha, a armação de pinho foi o item melhor avaliado da mobília da Livraria, seguido das ditas cadeiras, também velhas, e de seis bancos. Somando-se todos os itens, Rufina dispunha, naquele momento, de mais 88\$500.

2. O “estabelecimento deixado pelo finado Francisco de Paula Brito”

Para a avaliação da Tipografia de Paula Brito, Rufina sugeriu ao Juiz pessoas comprovadamente experientes neste negócio no Rio de Janeiro. Foram nomeados avaliadores das máquinas e demais objetos da Tipografia, Baptiste Louis Garnier e João Paulo Ferreira Dias. Deste último sabemos, por meio de um ofício presente nos autos, que trabalhava na Tipografia Nacional. Por ocasião de uma nova avaliação dos bens solicitada em maio de 1866, Rufina informava ao Juiz que:

Tendo o Snr. João Paulo Ferreira Dias declarado não poder sair da Tipografia Nacional para examinar o estabelecimento que vai à praça, por se achar muito sobrecarregado de trabalho neste mês, o suplicante pretende que V. S. nomeie outro avaliador, lembrando o nome do Snr. Luiz Muratet (INVENTÁRIO, fls. 39).

O *Almanak Laemmert* (1862: 200) confirma esta informação. Nele, João Paulo Ferreira Dias figura como administrador da Tipografia Nacional, inclusive residindo no mesmo prédio, localizado à Rua da Guarda Velha. Baptiste Louis Garnier, por outro lado, trata-se de personagem já bastante conhecido da bibliografia (HALLEWELL, 2005; PINHEIRO, 2007). Nascido na França em 1823, Garnier estabeleceu-se no Rio de Janeiro em fins da década de 1830. A partir de 1844, anúncios na imprensa fluminense informavam a respeito da casa editorial “Garnier e Irmão”, sendo que em 1852 encontra-se anunciado apenas “B. L. Garnier”. Em 1862, ano em que foi nomeado avaliador do espólio de Paula Brito, Garnier passou a imprimir seus livros em Paris, conseguindo com isso melhor qualidade em suas impressões. Não demoraria muito para que o francês dominasse o mercado editorial no Rio de Janeiro, sobretudo após a morte de Paula Brito. Neste sentido, as palavras de Machado de Assis são extremamente esclarecedoras:

Falar do Sr. Garnier, depois de Paula Brito, é aproximá-los por uma ideia comum: Paula Brito foi o primeiro editor digno desse nome que houve entre nós. Garnier ocupa hoje esse lugar, com as diferenças produzidas pelo tempo e pela vastidão das relações que possui fora do país”. (ASSIS, 1865: 1).

De volta ao inventário, temos que diferentemente dos avaliadores da mobília da casa e loja de Paula Brito, Garnier e Ferreira Dias, ao se ocuparem da Tipografia, não informaram os valores de cada máquina ou objeto encontrado no estabelecimento. Optaram, pois, por listar os artefatos e suas respectivas quantidades, e, ao fim do levantamento, deram um preço total ao lote.

*Tabela 3 – Estabelecimento Tipográfico deixado pelo finado Francisco de Paula Brito**

<i>Quantidade</i>	<i>Item</i>
6	Prelos grandes com tinteiros e seus pertences
1	Dito pequeno [com tinteiros e seus pertences]
2	[Ditos pequenos] desconcertados
1	[Dito] grande [desconcertado]
1	Cavalete [grande]
10	[Cavaletes] pequenos
120	Ramas partidas
144	Taboas [partidas]
9	Mesas
3	Armários
7	Guarda-caixas
64	Pares de caixas
34	Caixas desirmanadas
25	Galés
20	Granés
60	Libras de letras para títulos de cartazes
40	[Libras de letras para] corpo [de cartazes]
50	[Libras de letras] armadas para títulos (novas)
30	[Libras de letras armadas para títulos] (velhas)
1	Caixa de escrita grande
1	[Caixa de escrita] pequena
1	[Caixa de escrita] grega
1	Caixa de sinais matemáticos
1	[Caixa de sinais] de música
50	Libras de tipo Santo Agostinho
500	[Libras de tipo] Cícero velho
500	[Libras de tipo Cícero velho]
600	[Libras de tipo] Filosofia
100	[Libras de tipo] Gatharde
100	[Libras de tipo] Mignon
1	Caixa com [tipo] grifo de Cícero
1	[Caixa com tipo grifo de] Filosofia
1	[Caixa com tipo grifo de] Mignon
1	[Caixa com tipo] Escrita Francesa
1	[Caixa com tipo] Gótico
200	Libras de vinhetas diversas
100	Emblemas em bom estado
53	[Emblemas em] mau [estado]
300	Libras de entrelinhas de diversas medidas

*Fonte: INVENTÁRIO, fls. 31-31v.

Somente uma análise comparativa nos permitiria ter uma dimensão mais precisa das reais proporções do estabelecimento tipográfico de Paula Brito. No momento não disponho de subsídios empíricos para afirmar que os seis “prelos grandes com tinteiros e seus pertences”, assim como a quantidade arrolada de tipos e demais itens são, ou não, indícios de uma empresa tipográfica de grande ou médio porte no século XIX brasileiro. Certo é, contudo, que os avaliadores deram “ao estabelecimento, com todos os seus pertences” o valor de 6:500\$000. Rufina, por certo, deve ter respirado um pouco mais aliviada com esta notícia, ou não, como veremos adiante. Passemos à livraria.

3. O acervo do livreiro

De acordo com seu inventário, ao falecer, Francisco de Paula Brito possuía 17.500 livros à venda na livraria da Praça da Constituição, n. 64. Pela lista que se segue, veremos que é impossível sabermos a quantidade exata de livros por título, assim como mais detalhes sobre a qualidade das edições, ou se os livros estavam encadernados, entre outras informações. Os avaliadores, pelo que se pode observar na Tabela 4, ou tentaram classificar os livros agrupando-os, de maneira não muito rígida, por gênero, ou simplesmente se valeram da própria disposição dos mesmos na loja.

*Tabela 4 – Livros deixados pelo finado Francisco de Paula Brito**

<i>Quantidade</i>	<i>Item</i>
7240	Libretos de diversas óperas
1325	Farsas de (Penna)
60	<i>Confederação dos Tamoios</i>
3100	<i>Carteiras de meu tio, Fábulas de Esopo, Forasteiro, Filho do Pescador, Luxo e Vaidade, Maria ou a menina roubada, Questão de dinheiro e União Ibérica.</i>
550	<i>A Mãe, Biblioteca das Senhoras</i>
600	<i>Fatalidades, Código de Posturas</i>
2025	<i>Noviço, Primo da Califórnia, Tartufos, Fantasma Branco, Enjeitado, Prestígio da lei e Vestal</i>
375	<i>Vicentinas</i>
100	<i>Vida de Santo Antonio</i>
1825	<i>Poesia do amor e Luxo e Vaidade</i>
300	<i>Queda que as mulheres têm para os tolos</i>

*Fonte: INVENTÁRIO, fls. 32.

Seria pouco prudente afirmar que os libretos e/ou livros à venda na Livraria foram todos, sem exceção, impressos na Tipografia de Paula Brito. Afinal, o editor podia vender livros impressos por outros editores, fossem eles brasileiros ou estrangeiros. Todavia, seria um exercício interessante cruzarmos os dados do inventário com o catálogo do editor até o momento conhecido. Instrumento de pesquisa fascinante, a relação de obras e jornais impressos e de autoria de Paula Brito foi compilado pela primeira por Eunice Ribeiro Gondim (1965: 75-130) e recentemente acrescido com novas descobertas por José de Paula Ramos Jr, Marisa Midori Deaecto e Plínio Martins Filho (2010: 183-387). Conforme a Tabela 5, uma leitura sobreposta dos livros listados no inventário com o catálogo de Paula Brito, nos leva a concluir que, mesmo possivelmente comercializando títulos editados por outras tipografias, boa parte do que se vendia na Praça da Constituição, n. 64, era por certo produzido na Praça da Constituição, n. 68.

Consideremos os libretos de óperas como um primeiro exemplo desta hipótese. Certamente havia uma grande demanda por libretos no Rio de Janeiro, na medida em que 41% do acervo da Livraria apresentado no inventário foi composto, digamos, por este gênero de leitura. Uma olhada nas “Obras editadas por Paula Brito”, por sua vez, demonstra que nomes importantes do repertório operístico oitocentista como Vincenzo Bellini, Giacomo Meyerbeer, Giovanni Pacini, Gioacchino Rossini e Giuseppe Verdi tiveram libretos impressos nas oficinas de Paula Brito (RAMOS JR, et al., 2010: 196-257).

De modo semelhante, podemos inferir que a preferência do público leitor fluminense por peças de teatro parece ter sido igualmente grande. Por um lado, as 1.325 “Farsas de (Penna)” listadas podem se referir a textos teatrais de Martins Penna, autor já bastante expressivo em um catálogo do editor publicado n’*A Marmota* em abril de 1858. Neste catálogo, grande parte das peças deste autor era anunciada a 600 réis, preço inferior a peças de outros autores, como Joaquim Manuel de Macedo, por exemplo, cujas peças eram vendidas a 1\$000 naquela ocasião (GODOI, 2010: 222-223). Por outro lado, se classificarmos os livros deixados por Paula Brito por gênero, como apresentado na Tabela 5, observaremos que o número de peças teatrais editadas, nove ao total, se sobressai aos romances, com sete títulos, e aos livros de poesias, com três títulos.

Tabela 5 – Títulos arrolados no Inventário de Paula Brito por autor, gênero e ano de edição

Livro	Autor*	Gênero*	Ano edição*
<i>Confederação dos Tamoios</i>	Domingos José Gonçalves de Magalhães	Poesia	1856; 1857
<i>Carteira do meu tio</i>	Joaquim Manuel de Macedo	Romance	1855; 1859
<i>Fábulas de Esopo</i>	Francisco de Paula Brito (Org.)	Fábulas	1857
<i>Forasteiro</i>	Joaquim Manuel de Macedo	Romance	1855
<i>Filho do Pescador</i>	Antonio Gonçalves Teixeira e Souza	Romance	1843; 1859
<i>Luxo e vaidade**</i>	Joaquim Manuel de Macedo	Teatro	1860
<i>Maria ou a menina roubada</i>	Antonio Gonçalves Teixeira e Souza	Romance	1859; 1860
<i>Questão de dinheiro</i>	Dumas Filho (Trad. Justiniano J. da Rocha)	Teatro	1858
<i>União Ibérica</i>	José Feliciano de Castilho	Poesia	1861
<i>A Mãe</i>	José de Alencar	Teatro	1862
<i>Biblioteca das senhoras</i>	Francisco de Paula Brito (Org.)	Romance	1859
<i>Fatalidades***</i>	Antonio Gonçalves Teixeira e Souza	Romance	1856
<i>Código de Posturas****</i>	Câmara Municipal do Município da Corte	Leis	1848
<i>Noviço</i>	Luiz Carlos Martins Penna	Teatro	1853
<i>Primo da Califórnia</i>	Joaquim Manuel de Macedo	Teatro	1858
<i>Tartufos*****</i>	Leo Junios (pseud. José da R. Leão Júnior)	-	1860
<i>Fantasma Branco</i>	Joaquim Manuel de Macedo	Teatro	1856
<i>Enjeitado</i>	Constantino José Gomes de Souza	Teatro	1861
<i>Prestígio da lei</i>	Manuel de Araújo Porto-Alegre	Teatro	1859
<i>Vestal</i>	Savério Mercadante (Trad. L. V. De-Simoni)	Teatro	1849
<i>Vicentina</i>	Joaquim Manuel de Macedo	Romance	1853
<i>Vida de Santo Antonio</i>	-	-	-
<i>Poesia de amor</i>	Antonio José de Araújo	Poesia	1857
<i>Queda que as mulheres têm...</i>	Victor Hénau (Trad. Machado de Assis)	Sátira	1861

*Dados obtidos a partir de RAMOS JR, et al., 2010: 183-257.

** Como observado na Tabela 4 *Luxo e vaidade* foi listada duas vezes no Inventário.

***Pode se tratar do romance *As fatalidades de dois jovens* de Teixeira e Souza.

**** Conhecem-se duas edições do Código de Posturas impressas por Paula Brito: *Código de Posturas da Câmara Municipal do Município da Corte* (1848); *Código de Posturas da Ilustríssima Câmara Municipal* (1854). (RAMOS JR, et al., 2010: 208).

***** Pode se tratar da “Poligrafia” *Os libertinos e tartufos do Rio de Janeiro* de José da Rocha Leão Jr.

No que se refere aos autores dos livros arrolados no inventário de Paula Brito, encontramos autores significativos das letras brasileiras do século XIX, entre eles José de Alencar, Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto-Alegre, bem como traduções assinadas por Justiniano José da Rocha e Machado de Assis. Entretanto, entre esses autores se destacam, em virtude do número de títulos publicados, Joaquim Manuel de

Macedo, com três romances e três peças teatrais, e Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, com três romances.

Observemos também que, em certos casos, havia uma considerável demora em se esgotarem algumas edições impressas por Paula Brito. Este é o caso, por exemplo, do romance *Vicentina*, de Joaquim Manuel de Macedo, editado em 1853. Neste caso, mesmo desconhecendo a tiragem inicial, temos que, nove anos mais tarde, a “Avaliação de Bens” do inventário informava que restavam 375 exemplares do romance disponíveis na livraria. Creio, contudo, que o mesmo não se poderia dizer das duas edições, de 1856 e 1857, da *Confederação dos Tamoios* de Gonçalves de Magalhães, das quais restavam 60 exemplares em 1862, e da tradução de Machado de Assis *Queda que as mulheres têm para os tolos*. Impressa em volume no ano anterior à avaliação, existiam 300 exemplares da *Queda* à disposição dos leitores interessados em junho de 1862.

Assinou a avaliação do acervo da Livraria do finado Paula Brito, Baptiste Louis Garnier, outra vez, e Francisco Luiz Pinto. No *Almanak Laemmert* de 1862, “Francisco Luiz Pinto & C.” aparece entre os “Mercadores e lojas de livros”, com estabelecimento situado à Rua do Ouvidor, n. 87. Uma pequena observação, porém muito sugestiva do ponto de vista da propaganda, informava também que “Francisco Luiz Pinto & C” eram os “fornecedores da Biblioteca de S. M. o Imperador” (ALMANAK, 1862: 521-522). Deste modo, devemos levar em conta que tanto Garnier como Luiz Pinto eram livreiros experientes quando examinaram os livros deixados por Paula Brito. Mesmo assim o acervo completo da Livraria foi avaliado em parcos 1:751\$500, pouco mais de 100 réis por volume. Valor bem abaixo daquele praticado no mercado livreiro da Corte, em período bem próximo³.

Os destinos do espólio

Passaram-se quatro anos das Avaliações para que a viúva do editor solicitasse ao Juiz Municipal da 1ª Vara Cível o leilão dos bens deixados por seu marido. Neste momento os genros de Francisco de Paula Brito já haviam desistido das partes que lhes cabiam da herança em favor do inventário. Em março de 1866, portanto, todos os bens

³ Por exemplo, em abril de 1863 livros como o *Teatro de Machado de Assis: volume 1 e A viuvinha e cinco minutos*, de José de Alencar, eram anunciados no imprensa à 1\$000 [mil réis] (GODOI, 2010: 221).

avaliados estavam destinados ao pagamento dos credores do casal (INVENTÁRIO, fls. 25).

Os genros de Rufina e Paula Brito, ao que tudo indica, eram homens bem postos no Rio de Janeiro. Eduardo Vaz de Carvalho, marido de Alexandrina, exercia um cargo público, sendo, além de Inspetor de Quarteirão no 1º Distrito da Freguesia do Sacramento, “Administrador das Capatazias” da Alfandega da Corte (ALMANAK, 1862: 126; 185). Já Leopoldo d’Azeredo Coutinho, marido de Rufina, era comerciante e possuía uma loja de armarinhos e miudezas vizinha à Tipografia de seu finado sogro, à Praça da Constituição, n. 70. Em sua loja podia se comprar papel, livros em branco, livros impressos, objetos de escritório e “de fantasia”. Leopoldo era também um dos “Encarregados de vender papel selado por conta do governo” (ALMANAK, 1862: 196; 588)

Após a morte de Paula de Brito e o conseqüente início do inventário, Rufina esteve à frente da Livraria e da Tipografia ao lado de um de seus genros, possivelmente de Leopoldo. Neste sentido, o *Almanak Laemmert* de 1862 (1862: 681), lista entre as tipografias em funcionamento no Rio de Janeiro, o estabelecimento de propriedade da “Viúva de Paula Brito & Genro”. Porém, se houve uma sociedade entre os dois, certamente esta foi logo desfeita, uma vez que na mesma seção do *Almanak Laemmert* do ano seguinte Rufina aparecia sozinha na direção do empreendimento: “Tipografia da Viúva Paula Brito, praça da Constituição, 64” (ALMANAK, 1863: 683). O mesmo aconteceria em 1864 e 1865, apenas com uma pequena alteração de endereço, passando a tipografia a constar na Praça da Constituição, n. 66 (ALMANAK, 1864: 696; 1865: 677). Assim sendo, além das dívidas, pode-se concluir uma vez mais que Rufina continuava administrando o que restou dos negócios de Paula Brito.

Quanto aos bens do casal, os autos de inventário dão conta que Antonio de Pádua da Silva, o mesmo que atuou como avaliador em 1862, acabou por arrematar os móveis, a 5 de maio de 1866, por 411\$500 (INVENTÁRIO, fls. 38)⁴. Já com as máquinas e artefatos da Tipografia, bem como com os livros deixados por Paula Brito a história, um tanto quanto trágica, foi outra.

⁴ Rufina recebeu os 411\$500 de Antonio de Pádua da Silva a 17 de setembro de 1866 (INVENTÁRIO, fls. 45).

Ainda em maio de 1866, Rufina requeria ao Juiz uma nova avaliação da Tipografia, tendo em vista que no leilão nenhum “lançador” se mostrou interessado em adquiri-la (INVENTÁRIO, fls. 39). Uma nova avaliação foi feita, desta vez por B. L. Garnier e Luiz Menatet, que atribuíram à Tipografia, a 4 de junho de 1866, o valor de 4:600\$000 (INVENTÁRIO, fls. 41). A Tipografia foi novamente a leilão e nada. Uma terceira avaliação foi solicitada por Rufina, e mais uma vez B. L. Garnier, desta vez acompanhado por Pedro d’Aguilar, examinou o espólio de Paula Brito, avaliado agora em apenas 2:200\$000, a 30 de junho de 1866, menos de um mês depois da segunda avaliação (INVENTÁRIO, fls. 44).

Como podemos observar, a Tipografia de Francisco de Paula Brito sofria uma crescente desvalorização em meados de 1866. Não obstante este fato, as coisas se complicaram ainda mais quando Manuel Rufino de Oliveira, que se dizia um dos credores do finado editor, apresentou-se diante do Juiz Municipal da 1ª Vara Cível requerendo o embargo e posterior venda em praça, isto é, o leilão, da Tipografia e da Livraria. Nos termos do requerimento, Manuel Rufino acusava seriamente a Rufina e seus genros, dizendo que: “A viúva não concorda na dita venda por puro capricho, por que, a tipografia e livros, únicos bens do falecido, não cabe em sua meação, os herdeiros também se opõe a venda ao passo que declaram terem desistido da herança” (INVENTÁRIO, fls. 46).

Rufina, por sua vez, se defendeu de próprio punho, a 10 de outubro de 1866, em ofício ao Juiz no qual afirmava: “Na qualidade de viúva e inventariante dos bens do finado Francisco de Paula Brito, não reconheço o direito que pretende o requerente por efeito do embargo que foi conseguido a troca de alegações falsas com que iludiu o Juiz” (INVENTÁRIO, fls. 47). De fato, o Meritíssimo já havia deferido o embargo proposto por Manuel Rufino (INVENTÁRIO, fls. 48). Assim, em breve a Tipografia e a Livraria seriam leiloadas em favor dos credores do finado Paula Brito.

Disposta a derrubar o embargo, Rufina nomeou seu genro Leopoldo como seu representante no caso. Não localizei nos autos uma recusa explícita da viúva na venda dos bens do finado editor. Contudo, suponho que certamente havia uma recusa implícita de Rufina em permitir o leilão da Tipografia e da Livraria. Como observamos acima, ela estaria à frente dos negócios herdados do marido, ou do que sobrou deles, desde pelo menos 1863. Nessa perspectiva, pode fazer sentido que Rufina repudiasse a venda

judicial dos estabelecimentos. Portanto, Manuel Rufino de Oliveira, poderia de fato ter razão em seu requerimento.

Deste modo, a desvalorização cada vez mais acentuada da Tipografia pode se explicar por dois motivos. Por um lado, consideremos que Rufina estaria agindo nesse sentido, como, ainda não sei. Mas, de acordo com o alegado por Manuel Rufino, para a viúva poderia ser até interessante uma acentuada desvalorização, e consequente encalhe, do espólio de Paula Brito, na medida em que isso significaria a manutenção de sua posse. Todavia, por outro lado, um incêndio que, acreditem, aconteceu no estabelecimento de Leopoldo d'Azeredo Coutinho pode também ter contribuído para a desvalorização dos bens deixados pelo editor. Neste sentido, um despacho do Dr. Diniz Cordeiro, um dos Juízes Municipais que atuaram no inventário, informava o seguinte:

O incêndio que em setembro do corrente ano houve no prédio n. 70 da Praça da Constituição deu causa a deterioração e extravio dos livros e objetos da tipografia avaliados no final do [ilegível]; embora o incêndio não chegou a lavrar no prédio em que estão tais bens /Praça da Constituição, n. 68/ a inundação causada pelas águas que os bombeiros atiraram e a balizção para a rua por ordem do chefe de polícia deram causa ao estrago. Nestes termos, é indispensável e requeremos nova avaliação, pelos mesmos peritos juramentados a fim de evitar-se [ilegível] e delongas (INVENTÁRIO, fls. 53-54).

Os autos se encerram pouco depois deste despacho. Portanto, é difícil saber com segurança quais os destinos definitivos do espólio do editor e livreiro Francisco de Paula Brito. Contudo, ao menos já conhecemos do que este espólio foi constituído. Certo é também que Rufina Rodrigues da Costa Brito continuou à frente da Livraria e Tipografia de seu finado marido por mais algum tempo. Mas, por quanto tempo ainda não sei. Esta, e outras, já são novas perguntas que somente o retorno aos arquivos poderão responder.

Referencias bibliográficas

Fontes

Manuscritas

Inventário. Francisco de Paula Brito, falecido. Rufina Rodrigues da Costa Brito, inventariante. ANRJ, Juízo Municipal da 1ª Vara do Rio de Janeiro, 1862, n. 6210, maço 448.

Livro de casamentos de livres da Freguesia do Santíssimo Sacramento. Francisco de Paula Brito. Casado com Rufina Rodrigues da Costa. ACMRJ, AP 0134, p. 145v.

Impressas

ALMANAK ADMINISTRATIVO, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1862. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1862. Disponível em: < <http://brasil.crl.edu/>>. Acesso em 12/03/2010.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1863. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1863. Disponível em: < <http://brasil.crl.edu/>>. Acesso em 12/03/2010.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1864. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1864. Disponível em: < <http://brasil.crl.edu/>>. Acesso em 12/03/2010.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1865. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1865. Disponível em: < <http://brasil.crl.edu/>>. Acesso em 12/03/2010.

ASSIS, Machado de. “Ao acaso”. *Diário do Rio de Janeiro*, 03/01/1865, p. 1

AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. “Biografia do Snr. Francisco de Paula Brito”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 59, 28/02/1862, p. 2; n. 61, 02/03/1862, p. 2-3; n. 62, 03/03/1862, p. 2.

Obras gerais

GODOI, Rodrigo Camargo de. *Entre comédias e contos: a formação do ficcionista Machado de Assis (1856-1866)*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – IEL, Unicamp, Campinas, 2010.

GONDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e obra de Paula Brito: iniciador do movimento editorial no Rio de Janeiro (1809-1861)*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965.

- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiróz; Edusp, 2005.
- PINHEIRO, Alexandra. *Para além da amenidade: O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. 279 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – IEL, Unicamp, Campinas, 2007.
- RAMOS JR., José de Paula; DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio (Orgs.). *Paula Brito: editor, poeta e artífice das letras*. São Paulo: Edusp; Com Arte, 2010.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969. (Coleção Documentos Brasileiros).